

DO BRÁS A FEIRA DA SULANCA

Sueli de Castro Gomes

Departamento de Geografia/ USP

arysueli@ig.com

O comércio de retalhos e resíduos têxteis está localizado nas ruas do Brás, antigo bairro industrial e operário da cidade de São Paulo. VILLAÇA (1978) cita o Brás como o primeiro subcentro comercial, este nasceu em razão do segregacionismo imposto aos imigrantes operários italianos, no início do século XX, simultâneo ao processo de industrialização. Esse bairro, hoje, concentra um grande número de indústrias e lojas de confecções, que vendem no setor atacadista e no varejo para “sacoleiras” de todas as partes do Brasil. O comércio de retalhos vai nascer nos interstícios das antigas indústrias têxteis e, posteriormente, se alimentará do rejeito das confecções que fornecem, diariamente, toneladas de resíduos e retalhos para serem comercializados pelos “retalheiros”. Uma parte desses retalhos e rejeitos é comprada por costureiras da Grande São Paulo e até mesmo por “sacoleiras”, sendo que a maior parte dessa mercadoria é enviada para Santa Cruz do Capibaribe – cidade do interior pernambucano, que constitui em pólo de confecções de “sulanca”. São vestuários de qualidade considerada inferior, consumidos, predominantemente, por uma população de baixa renda. O nordestino de menor poder aquisitivo passa a ser consumidor do rejeito das confecções do Centro do Sul.

O comércio de retalhos e resíduos é, controlado predominantemente por migrantes nordestinos, formando uma rede de pessoas e mercadorias em torno dessa atividade. Desta forma, procuramos estudar o que justificaria a presença dessa atividade comercial no Brás e como esta se organiza no território nacional. Ao identificar as conexões que esse espaço mantém com outros `nós` dessa rede, construindo uma malha de homens e mercadorias, optamos por seguir a circulação da mercadoria - retalho até o seu destino final, qual seja, as feiras da sulanca de Pernambuco.

Identificamos aproximadamente 330 unidades, entre as lojas e depósitos. Muitas vezes, a mesma unidade possui características mistas. A caminhada pelo conjunto das ruas, levou-nos a representar a distribuição do comércio de retalhos e resíduos; grande parte dessas unidades está concentrada na rua Joly e rua Almirante Barroso e dali há um

espraiamento em direção ao Pari. Outra dinâmica significativa é o afastamento que as unidades comerciais estão sofrendo para as áreas periféricas, pois as áreas centrais estão sendo ocupadas pelas confecções. A rua Maria Joaquina, a primeira a ser ocupada pelo comércio de resíduos e retalhos, deixa de ser a área central, e as lojas irão ocupar as ruas mais afastadas, procurando aluguéis menores. As lojas, com retalhos, na maioria ficam nas áreas mais centrais e os depósitos, na maioria, ficam nas bordas, da área representada, reforçando o seu pequeno pecúlio e a busca dos imóveis de menor valor.

Para entendermos a dinâmica da atividade comercial dos retalhos e resíduos é necessário estudar a sua organização interna. Optamos por desmontar a circulação dessa mercadoria, em algumas etapas desse processo para facilitar a sua compreensão. Assim, a investigação dessa atividade parte da origem da mercadoria, matéria-prima elementar - o retalho e o rejeito - chegando até o seu consumo final, em Santa Cruz do Capibaribe, na metrópole, ou em qualquer outra parte onde ele é comercializado.

Os retalheiros têm uma classificação e denominação diferente para as suas mercadorias, e dessa forma adotamos nessa pesquisa essa diferenciação. Vejamos essa designação. Os **retalhos**¹ são as peças maiores, podem ser encontrados desde alguns metros de pano até rolos de bobinas inteiros. Eles se originam dos restos de tecidos que não são aproveitados nas confecções, por apresentarem defeito ou as cores estarem fora da moda. Às vezes, ele vem direto das indústrias têxteis. São mercadorias “encalhadas”, “fim de estoque” ou que saíram fora do padrão de qualidade. Na indústria têxtil, modernizada, há um equipamento que controla o número de defeitos por metro quadrado. A partir daí, o tecido será classificado na própria indústria – desde o tecido de primeira linha, sem nenhum defeito até os retalhos. Assim, será calculado o valor dessa mercadoria. Os **retalhos** são cortes de tecido que no mínimo medem um metro. Já os **resíduos** são pequenas tiras de tecido que variam de tamanho, inferior a 30 cm de comprimento e largura. Os **resíduos** são os restos, as aparas, que sobram após o aproveitamento do tecido na indústria da confecção. Essas sobras podem se apresentar em forma de tiras, recortes, enfim, pedaços bem pequenos sem utilidade para a confecção. Então, a indústria da confecção junta esses resíduos e retalhos até ter um volume razoável para a comercialização, podendo até levar um ano para obter de 500 a 600 quilos. Tudo depende da produção e das vendas.

¹O dicionário Aurélio dá as seguinte definição para Retalho, entre outras – Sobra de tecido de costura ou de peça nas lojas. O Resíduo significa aquilo que resta de qualquer substância; resto, entre outras definições.

As confecções que fornecem o seu rejeito estão localizadas, principalmente, no Brás, Bom Retiro e Belenzinho. A procura dessa mercadoria, ocorre, não apenas nos bairros centrais, envolverá, também outras confecções da metrópole. As indústrias têxteis que fornecem o retalho estão, principalmente, em Americana, Guarulhos, Campinas, Santos, envolvendo também as indústrias têxteis de Minas Gerais. Tanto os resíduos, como os retalhos são negociados a partir do seu peso, o preço é determinado pelo tipo de tecido.

Os resíduos, que eram considerados “lixo” nas confecções e foram “catados” nas calçadas, pelo “catadores” com carrinhos de madeira ou não, se tornam novas mercadorias e entram novamente em circulação. Para MARX o comércio é uma forma desenvolvida de circulação, e seu ponto de partida é o capital. Ele cita vários exemplos para demonstrar essa circulação com tipos de produtos diversos como o linho que é trocado por trigo. Assim, o comerciante vive da acumulação do capital e nessa circulação, usando a estratégia da especulação, tem como objetivo o giro do capital, em um movimento continuamente renovado para poder expandir. A troca entre as mercadorias, que estudamos, inicia-se a partir do trabalho dos catadores de retalhos, que não possuíam capital inicial, mas tinham a força do seu trabalho, agregando valor a essa mercadoria. O valor agregado, também, aparece no trabalho de separação dos retalhos e resíduos, deixando-os prontos para serem comercializados.

Esse comércio de retalhos e resíduos não exige necessariamente, um capital inicial. Grande parcela desses migrantes se insere nessa atividade com o seu próprio trabalho, gerando um pequeno capital, que possibilita, posteriormente, possuir seu próprio depósito e depois com um capital maior, a sua loja.

Essa unidade produtiva aparece de forma diferenciada, tanto como uma atividade do comércio formal como informal, ou melhor, no primeiro momento ela é informal, circuito inferior, em que o retalheiro não tem acumulação suficiente; depois, com um maior grau de acumulação do retalheiro, ela passa a ser formal, circuito superior. Foge a essa situação os retalheiros que começam com um capital inicial, tendo condições de abrir uma firma e arcar com seus custos.

Se formos considerar a atividade comercial fora do controle do Estado, veremos que existe uma rede legal e uma outra ilegal, coexistindo nos mesmos espaços, de forma hierárquica, como uma maneira de os chamados “excluídos” buscarem a sua inclusão na

sociedade. Para melhor estudarmos essa questão, nos apoiaremos em SANTOS (1979b) ao discutir o circuito inferior e superior da economia que compõem o mesmo processo.

Ao acompanharmos o trajeto da mercadoria, destacamos alguns percursos fundamentais – desde a fonte da matéria-prima até chegar ao seu consumo final. A realização dessa mercadoria retalho se faz quando ela é comercializada, isto é, ela é vendida para o seu fim. Devemos recordar, que várias vezes o mesmo lote de retalho e resíduo, passa muitas vezes por diferentes retalheiros, nesse mercado, que atuam, quase sempre, como se essas fossem ações da bolsa de valores. A importância do retalho, quanto ao seu uso, passa a ser menor, e o seu valor de troca, se torna mais significativo.

Os principais compradores podem ser divididos em quatro grupos básicos. O primeiro grupo é formado pelas costureiras da Grande São Paulo e do interior do estado. O segundo grupo, será formado pelas “sacoleiras”, que têm o objetivo de revender essa mercadoria. O terceiro grupo é composto por empresas que utilizam essa mercadoria - sua matéria-prima - em diversos produtos industrializados. E o quarto grupo compõem-se dos donos de confecções e atacadistas de vários estados do Brasil, sendo que neste último, se destacam os atacadistas e a indústria da Sulanca que tem seu início e maior adensamento em Santa Cruz do Capibaribe e atualmente, essa área está expandida para as cidades de Caruaru, Toritama² e Brejo da Madre de Deus³, municípios no estado de Pernambuco, formando um pólo da indústria de confecções de sulanca em Pernambuco.

Segundo os depoimentos, o Nordeste contribui com a maior participação nas compras de retalhos. Só a cidade de Santa Cruz do Capibaribe - PE consome cerca de 80% dos retalhos do Brás. Os retalheiros e a transportadora afirmam que saem do Brás, diariamente; aproximadamente de 5 a 6 caminhões por dia.

Essa mercadoria é vendida em Santa Cruz do Capibaribe para as pequenas confecções que predominam nessa cidade. O retalho é industrializado, e se torna uma confecção (vestuário) de menor custo para toda a população de baixa renda, mantendo assim, por meio do vestuário, o baixo custo da manutenção e reprodução dessa população. Essa confecção de baixo custo, e qualidade ‘inferior’, é mais conhecida como Sulanca. O retalho e resíduo são fundamentais na produção da Sulanca. O aproveitamento da sobra das indústrias da confecções permite o barateamento das

² Cidade vizinha de Santa Cruz do Capibaribe que compram especificamente o tecido brim para *jeans*.

³ Nesse município são produzidas as colchas de retalhos. As costureiras moram nos sítios e, geralmente, trabalham por facção. Essas colchas são vendidas na Feira de Santa Cruz do Capibaribe.

confeções, para abastecer a população excluída de um consumo de artigos de luxo, entretanto inclusa no mundo das mercadorias.

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRADE, Margarida Maria de. “Bairros Além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho”. Tese de Doutorado em Geografia. Departamento de Geografia da FFLCH – USP. São Paulo: 1991.
- BARROS, N. C. “Migrações, Urbanização e Setor Informal: Estudo sobre as formas de comercialização em área de emigração para as metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro”. In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB. p.105- 112. 1988.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. *Setor Informal Urbano e Formas de Participação da Produção*. IPE/USP. São Paulo. 1983.
- CAMPELO, Glauce Maria da Costa. *A Atividade de Confeções e a Produção do Espaço em Santa Cruz do Capibaribe*. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFPE, Recife: 1983 - 157 p.
- FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO/FIDEPE – *Santa Cruz do Capibaribe*. Série Monografias Municipais. Governo da Secretaria de Planejamento. Recife, 1982.
- FURTADO, José Maria. “Aqui não se paga imposto”. In: *EXAME*, São Paulo: Abril. Ano 35, nº3, fev., p. 96 - 99. 2001.
- GAUDEMAR, Jean Paul de. *A Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital*. Portugal: Editora Estampa, 1977. 404 p.
- LANGENBUCH, J. R. *A Estruturação da Grande São Paulo – estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, IBGE, 1971.
- MARTIN, André Roberto. *O Bairro do Brás e “A Deterioração Urbana”*. Dissertação de Mestrado em Geografia - Departamento de Geografia da FFLCH - USP, São Paulo: 1984. 187 p.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Vol. 1 – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.1-161. 1996.
- MUMFORD, Lewis. *Perspectivas Urbanas*. Buenos Aires: Ed. Emecé, p.93-120. 1969.
- OLIVEIRA, Chistian D. M. de. “Terciarização e Espaço Metropolitano”. In: *Boletim Paulista de Geografia*. nº 65. São Paulo: AGB. p. 49 - 57. 1987.

- PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. In: *Revista de História* nº 21 e 22. Jan.-Jun. São Paulo – Brasil. 1955.
- PRADO JR, Caio. *A Cidade de São Paulo – geografia e história*. 2º ed., São Paulo, Brasiliense, 1983. 93 p.
- PRANDI, Reginaldo. *O Trabalhador por Conta Própria Sob o Capital – Coleção Ensaio e Memória* - São Paulo: Ed. Símbolo. 1978. 165 p.
- REALE, Ebe. *Brás, Pinheiros, Jardins – Três bairros, três mundos*. São Paulo: Edusp, 1982.
- SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. São Paulo: Hucitec. 1979a.
- _____. *O Espaço Dividido*. São Paulo: Francisco Alves. Tradução de Myrna T. R. Viana. p. 23 –54. 1979 b.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima Seabra. “Urbanização, Bairro e Vida de Bairro” in: *Travessia*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, nº 38. p.11-17, set.-dez, 2000.
- SILVA, André Luiz. *A Feira de Caruaru*. Monografia. FAFICA. Caruaru. 1998.
- SILVA, Sidney A. da. *Costurando Sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997. 292 p.
- SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. Ed. Brasiliense. 12º edição (1973). São Paulo. 1990. 152 p.
- SOUZA, Avanisia e et alli. *Sulanca – Aspectos Históricos, Econômicos, Políticos e Sócio-Culturais*. João Pessoa. 1996. 71p.
- VILLAÇA, Flávio. *A Estrutura Territorial da Metrópole Sul Brasileira: áreas residenciais e comerciais*. Tese de Doutorado FFLCH-USP - Departamento de Geografia, São Paulo, 1978. 358 p.